



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE
TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria José Guajajara Brito

**PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS DO POVO GUAJAJARA NA
FESTA DA MENINA MOÇA**

Tocantinópolis/TO
2025

Maria José Guajajara Brito

**PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS DO POVO GUAJAJARA NA
FESTA DA MENINA MOÇA**

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Profª. Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes.

Tocantinópolis/TO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G898p Guajajara Brito, Maria José .

Práticas Corporais femininas do Povo Guajajara na Festa da Menina Moça / Maria José Guajajara Brito. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2025.

32 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação Física Licenciatura) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes.

1. Festa da Menina Moça. 2. Mulheres Guajajara. 3. Educação Física.

CDD 613.707

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FOLHA DE APROVAÇÃO


Maria José Guajajara Brito

PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS DO POVO GUAJAJARA NA FESTA DA MENINA MOÇA

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 05 / 12 / 2025.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 CARLIENE FREITAS DA SILVA BERNARDES
Data: 04/02/2026 10:45:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes, UFNT.

Profa. Dra. Milena Pedro de Moraes, UFNT.

Profa. Ma. Iara Rodrigues da Silva, UFNT.

Tocantinópolis/TO
2025

*Dedico aos meus sobrinhos mais próximos: Luis Arthur, Luana, Severiano Felipe,
Raylla Heloízy, Kauê, José Roberto e João Benício.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Tupàn* pela saúde e ânimo para escrever este artigo, por me sustentar na caminhada desta jornada, obrigada meu *Tupàn* por estar sempre comigo.

Sou grata a meus pais, Railene e Zé Neto, por apoiar meus sonhos, me incentivando nos meus momentos mais difíceis e felizes, amo muito vocês mamãe e papai.

Agradeço às minhas irmãs e irmão, Maria Luiza, Carolina, Madian e Kailane, que me ajudaram na construção deste artigo, dando apoio durante este processo de construção.

Minha tia e madrinha Cacica Eliene Guajajara, que contribuiu com seus relatos e memórias e a disponibilidade de me ajudar com fotos e suas experiências de vida.

Agradeço a minha avó, Maria José Carvalho Guajajara, recebi seu nome como homenagem e simbolismo de força para as futuras gerações Tenetehara.

Agradeço às minhas tias, tios, primas, primos e meus sobrinhos que são muitos!

Sou extremamente grata pela vida da minha orientadora Dra. Carliene Freitas da Silva Bernardes por ter aceitado ser minha guia nesta caminhada tão importante, obrigada de coração.

Sou grata a todos os professores e professoras que compartilharam seus conhecimentos comigo e que fizeram parte desta caminhada do meu Pré-escolar até a Educação Superior.

Às minhas queridas amigas que a UFNT me deu, Leyva, Suzane, Joana Caroline, Giovana e meu amigo Hugo Apinajé. Obrigada!

SUMÁRIO

RESUMO:	8
TUPI:	8
ABSTRACT:	9
INTRODUÇÃO	9
O POVO TENETEHARA/GUAJAJARA	14
O LUGAR E O STATUS DAS MULHERES NA COMUNIDADE TENETEHARA/GUAJAJARA	16
PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS NA FESTA DA MENINA MOÇA	20
A preparação das Meninas Moças durante o resguardo.....	21
Preparativos para a festa da Menina Moça: a caça e o artesanato.....	24
A festa de apresentação das Meninas Moças.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS DO POVO GUAJAJARA NA FESTA DA MENINA MOÇA

Maria José Guajajara Brito¹, Carliene Freitas da Silva Bernardes²

RESUMO:

Neste trabalho descrevemos as práticas corporais femininas inseridas na Festa da Menina Moça do povo Tenetehara/Gujajajara. Utilizamos pesquisa etnográfica e autobiográfica, descrevendo a cultura do meu povo e dialogando com a Educação Física. Descrevemos os costumes do meu povo localizado na Aldeia Almesca no Território Indígena(TI) Araribóia no Estado do Maranhão. Somos liderados por uma Cacica e nós, mulheres, participamos ativamente das atividades da comunidade: criação dos filhos(as), produção de alimentos na roça, construção de casas, confecção de artesanatos, produção de remédios, etc. Na cultura Tenetehara temos costumes e rituais ao longo do ciclo de vida, do nascimento à morte, onde o corpo e os movimentos são exaltados com a pintura corporal, enfeites (colares, tiaras, cocares, pulseiras, braceletes), cantorias e danças. A festa da Menina Moça apresenta a menina à comunidade simbolizando a passagem para a vida adulta. O entendimento da cultura corporal é imprescindível para compreender as expressões corporais, em diferentes espaços e tempos.

Palavras-chaves: Tenetehara/Gujajajara. Práticas Corporais. Mulheres. Festa da Menina Moça. Educação Física.

KUZÀ WAZA WANEMIOPO TENETEHARA WAMUPINIMAW MYNYKAW PE HAR

TUPI:

Aw ma'erekohaw rehe amume'u putar kuzatài mupinimaw wira'uhaw pehar ihe Kuzà waza tenetehara/gujajajara. Heta ma'e'kwapaw hehe herekohaw rehe. Amume'u putar hema'e'kwapaw heânàm wanehe. Ipuranupà ikwapar wanehe. Aldeia Almesca pehar wanehe ywy Araribóia pehar wanehe Maranhão ywy rehe har wà. Ureruzegar tuihaw kuzà cacica, ure kuzà romo uruzapo kuzà uma'erekohaw. Zekaiw pà urememyr wànehe. Urumuzehu kar ureremi'u ràm kope,tápuz uruzapo uruzapo poapyw har muhàg wàzài ma'e Tenetehara romo tekohaw heta wàzaigatu ma'e a'e iapo pyr uzekaku haw. Kuzatài hetekwer umupinigatu wà upaw Katu wereko ma'e hetekwer rehe. A'e ma'e iapohaw kuzatài rehe ta'e hy'a'ugatu ma'e romo uzeapo putar a'e kury.

¹ Discente do curso de Licenciatura em Educação Física no Centro Universitário de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, UFNT. E-mail: maria.brito@ufnt.edu.br.

² Graduada em Psicologia, Mestre em Psicologia e Doutora em Educação, docente no curso de Licenciatura em Educação Física no Centro Universitário de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, UFNT. E-mail: carliene.freitas@ufnt.edu.br.

Ze'eg hemete har: Tenetehara/Guajajara. Mupinimaw. Hetekwer rehe. Kuzagwer wà. Kuzatài wira'uhaw.

FEMALE BODY PRACTICES OF THE GUAJAJARA PEOPLE AT THE GIRL COMING OF AGE FESTIVAL

ABSTRACT:

In this work, we describe the female bodily practices involved in the Girl's Coming-of-Age Festival of the Tenetehara/Guajajara people. We used ethnographic and autobiographical research, describing the culture of my people and engaging in dialogue with Physical Education. We describe the customs of my people located in the Almesca Village in the Araribóia Indigenous Territory (TI) in the State of Maranhão. We are led by a female Cacica, and we, women, actively participate in community activities: raising children, producing food in the fields, building houses, making handicrafts, producing medicines, etc. In the Tenetehara culture, we have customs and rituals throughout the life cycle, from birth to death, where the body and movements are exalted with body painting, ornaments (necklaces, tiaras, headdresses, bracelets), songs, and dances. The Girl's Coming-of-Age Festival presents the girl to the community, symbolizing the passage to adulthood. Understanding body culture is essential for comprehending bodily expressions in different spaces and times.

Keywords: Tenetehara/Guajajara. Body Practices. Women. Coming-of-Age Festival. Physical Education.

INTRODUÇÃO

Me chamo Maria José Guajajara Brito, nasci em fevereiro de 2003 em Amarante no Estado do Maranhão, sou mestiça, fruto da união do pai que não é indígena com minha mãe que pertence ao povo Guajajara, que também é mestiça, fruto da união de um *Caraiw* (homem não indígena) e uma Tenetehara. Somos sete irmãos, sendo cinco Tenetehara e dois não indígenas, irmãos apenas por parte de pai.

Pertenço à comunidade indígena Tenetehara, localizada na terra indígena Araribóia no Estado do Maranhão. Nasci em Amarante, morei na aldeia Almesca, junto com meus pais, irmãos, tios, avós e primos, até os quinze (14) anos de idade.

Na figura 01, ilustro a composição da minha família. À esquerda está minha mãe, Railene, com o neto no colo. Meu pai, Zé Neto. Minha irmã caçula, Kailane. Eu, Maria José. Minha irmã, Carolina. Meu irmão, Madian. Minha irmã mais velha, Maria Luiza com sua filha. Fotografia tirada nos fundos da casa da minha mãe na Aldeia Almesca.

Figura 01: Composição da minha família nuclear, 2023.



Fonte: arquivo pessoal, julho de 2023.

Tenho como língua materna “ze’egete” (que significa “a fala boa”) do tronco linguístico Tupi Guarani³, minha segunda língua é a Língua Portuguesa. Tive acesso às duas línguas desde quando eu era bebê, minha mãe indígena falava a língua materna e meu pai, não indígena, falava a Língua Portuguesa. O contato maior com a Língua Portuguesa veio mesmo na Pré-escola, com cinco anos de idade comecei a estudar na aldeia, numa turma multisseriada do Jardim I ao terceiro ano do Ensino Fundamental, com uma professora indígena apenas. Aprendi a escrever e a ler, a Língua Portuguesa nesta escola. Estudei nesta escola até o Jardim II, pois o Estado do Maranhão não pagava o salário das professoras, que tinham apenas o Magistério e eram contratadas. A escola era de pau, barro e palha de coqueiro, tinha quadro e carteiras.

Aos sete anos de idade, ingressei no primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escola rural multisseriada, num povoado não indígena próximo à aldeia. Andávamos 4 quilômetros a pé para ir e voltar da escola, de segunda à sexta-feira. A escola funcionava na propriedade rural na varanda da casa da própria professora. A professora acumulava várias funções: fazia o lanche, a limpeza e dirigia a escola. A escola tinha uma única turma, em torno de 30 alunos(as) indígenas e não indígenas, do primeiro ao quinto ano. Fiquei nesta escola até o quinto ano. Eu gostava muito da professora, tinha merenda gostosa e gostava das novas amigas indígenas e não indígenas.

³ O tronco Tupi subdivide-se nos ramos ocidental e oriental, que, por sua vez, subdividem-se em famílias linguísticas.

Do sexto ano até o oitavo ano do Ensino Fundamental, ingressei numa nova escola não indígena, situada em um povoado nas proximidades da aldeia, com 18 quilômetros aproximadamente. Nesta escola, havia turma para cada ano do Ensino Fundamental, todos(as) os(as) docentes eram não indígenas, mas os(as) discentes eram indígenas Guajajaras e não indígenas.

Já o último ano do Ensino Fundamental II, conclui na cidade de Imperatriz - MA. Continuei estudando em Imperatriz até o segundo ano do Ensino Médio em uma escola estadual. Eu morava na cidade com minha tia materna, enquanto meus pais e irmãos ficaram na aldeia. Durante o segundo ano, vivenciamos a Pandemia pela COVID - 19⁴. Em função da medida sanitária de distanciamento social adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelo Brasil, adotou-se o ensino remoto nas escolas. Logo, minha escola adotou a sala virtual no *Google Classroom* para as tarefas escolares, além de vídeo aulas realizadas pelos(as) professores(as) de cada matéria. Já no terceiro ano do Ensino Médio retornei para o município de Amarante - MA, pois tive que cuidar da minha mãe, que ficou doente durante a Pandemia por COVID-19. Em dezembro de 2021 conclui meu Ensino Médio!

Desde cedo tive interesse em estudar! Não tive nenhuma repetência. Mas como não tinha escola da Educação Infantil ao Ensino Médio na minha aldeia, tive que migrar para várias escolas diferentes e não indígenas. Nas escolas sempre fui questionada por não parecer indígena na aparência visual (pele clara, cabelo encaracolado, nariz fino) uma vez que minha mãe é mestiça e meu pai não é indígena, dentro das comunidades Tenetehara há muita miscigenação, pois vivem muitos *Caraiw* dentro das aldeias. Tive muitas dificuldades com a Língua Portuguesa, falava e escrevia errado, e os colegas riam. Mas também me corrigiram, assim pude melhorar.

Em dezembro de 2021 prestei vestibular para o Curso de Licenciatura em Educação Física (EF) na UFT/UFNT⁵, na cidade de Tocantinópolis. Meu interesse pela área da Educação Física começou na Educação Básica. Durante esse período escolar, eu tive aulas de Educação Física apenas no último ano do Ensino Fundamental II (9º ano), gostei bastante das

⁴ A COVID-19 é uma doença respiratória causada por um novo coronavírus denominado SARS-CoV-2. A Organização Mundial da Saúde (OMS) tomou conhecimento deste novo vírus em 31 de dezembro de 2019, após receber a notificação de um grupo de casos de “pneumonia viral” em Wuhan, na República Popular da China. Com a disseminação do vírus pelo mundo e no Brasil, a partir de 2020 foram tomadas algumas medidas sanitárias como: higiene corporal, uso do álcool em gel nos estabelecimentos, uso de máscaras e o distanciamento social, que ocasionou a mudança de ensino presencial para ensino remoto na Educação Básica e Superior.

⁵ A UFNT foi criada pela Lei nº 13.856, de 8 de julho de 2019, a partir do desmembramento dos *Campi* de Araguaína e Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

aulas práticas na quadra da escola, as aulas eram ministradas por uma professora formada na área da EF. Posso dizer que ela foi minha inspiração para o curso. Outro motivo foi que a EF envolve não apenas teoria, mas também as práticas corporais que movimentam o corpo humano de forma integral.

Entre na Universidade por cotas, Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012)⁶ que garante 50% das vagas nos cursos de Graduação das Instituições de Educação Superior federais para estudantes que tenham cursado, integralmente, o Ensino Médio em escolas públicas ou comunitárias, sendo eles: pretos, pardos, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência e estudantes de baixa renda visando garantir a inclusão social e a reparação histórica no Brasil.

Na minha turma, dentre 40 alunos apenas dois estudantes eram indígenas, eu da etnia Guajajara e o colega Hugo da etnia Apinajé. Para permanecer na UFT/UFNT desde o 4º período recebo bolsa permanência do Ministério da Educação (MEC). De modo geral, consegui me adaptar ao ambiente universitário, à cultura não indígena e à Língua Portuguesa em função da minha rede de apoio, familiares indígenas e não indígenas que moravam na cidade de Tocantinópolis e região.

Durante a graduação em EF tivemos apenas uma disciplina que discutia questões etnico-raciais, o componente curricular de História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena. Ela foi ministrada no segundo semestre de 2022, pela professora Dra. Camila Simões Rosa, uma mulher negra, com seus estudos e pesquisas voltadas para este público mais vulnerável. Neste período, percebi que há poucos de nós indígenas na UFNT, principalmente, no curso de EF; que há tantas histórias mal contadas e mitos sobre nós indígenas. Nesse contexto, falar sobre minha trajetória na Educação, meu povo e as práticas corporais femininas na minha comunidade torna-se importante para outras pessoas conhecerem a realidade a partir da perspectiva de uma pesquisadora estudante indígena Guajajara.

Outro motivo que me fez pesquisar sobre essa temática, foram meus diálogos com colegas indígenas de outras etnias. No II Encontro de Indígenas na UFNT, no Centro Universitário de Tocantinópolis, em comemoração ao dia dos povos indígenas, dia 19 de abril de 2023, tivemos a chance de conhecer a cultura de colegas indígenas de outros cursos: a história de cada povo, cantorias, jogos e brincadeiras, pinturas corporais e artesanatos. Refletimos o quanto nossa própria história é marcada por preconceitos e discriminações por ter uma cultura diferente dos não indígenas; que há pouco acesso e permanência de estudantes

⁶ A Lei 12.711/2012 foi atualizada pela Lei nº 14.723 de 13 de novembro de 2023. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14723&ano=2023&ato=06bITW650MZpWTc42>. Acesso em: 11 junho 2025.

indígenas na UFNT de Tocantinópolis; a importância de cursar Ensino Superior para trabalharmos em nossas próprias comunidades; ausência de espaços físicos de convivência para estudantes indígenas na UFNT, para reuniões e divulgação das culturas indígenas.

Durante a graduação percebi a falta de pesquisas científicas sobre os povos indígenas, a partir da perspectiva de pesquisadores indígenas, em específico, estudos relacionados às mulheres indígenas, o que motivou esta pesquisa sobre os rituais e as práticas corporais femininas do povo Guajajara na festa da menina moça, tornando visíveis nossa cultura. O motivo pessoal que me fez querer escrever sobre a Festa da Menina Moça foi a minha vivência com este ritual, minha experiência e principalmente o ânimo e força da minha família e as comunidades vizinhas na organização da festa, pois neste período estávamos passando por um grande luto em nossa aldeia.

Na cultura Tenetehara/Gujajara muito se fala sobre a Festa da Menina Moça ou Moqueado, ritual de iniciação à vida adulta para as mulheres, o que nos desperta várias perguntas: Quando se inicia a preparação da menina para a vida adulta? Que práticas corporais estão inseridas neste ritual? O que se espera das mulheres do nosso povo a partir deste ritual?

Compreender as práticas corporais femininas na Festa da Menina Moça é compreender a cultura corporal de movimento do nosso povo. A expressão Cultura Corporal de Movimento permite ampliar o campo de análise a todas as práticas relacionadas com o movimento humano e suas representações, de modo semelhante ao termo Cultura Motora, valorizando a ideia de que a motricidade compreende mais do que aspectos físicos, biológicos ou corporais, mas também aspectos culturais (Galvão; Rodrigues; Sanches Neto, 2019). As autoras destacam que a Cultura Corporal do Movimento, nas atuais discussões acadêmicas vislumbradas na Educação Física, permite associar a elaboração científica dos conhecimentos à prática pedagógica no meio escolar de modo mais contextualizado, considerando as diferentes manifestações expressivas corporais nas aulas de Educação Física escolar.

Logo, o **objetivo geral** deste estudo é descrever as práticas corporais femininas inseridas na Festa da Menina Moça ou do Moqueado do povo Tenetehara/Gujajara. De maneira **específica**, descreveremos o significado da Festa da Menina Moça dentro da nossa cultura; a preparação da moça para a festa; e as práticas corporais inseridas antes, durante e após o ritual.

Este artigo utiliza-se da pesquisa etnográfica e autobiográfica. Marconi e Lakatos (2017, p. 128) definem o método etnográfico como um “conjunto de técnicas utilizadas para a

coleta de dados sobre valores, crenças, práticas sociais e religiosas e comportamento de um grupo social, ou levantamento de dados de determinados grupos e sua descrição, com a finalidade de conhecer-lhe melhor o estilo de vida ou sua cultura específica”.

As autoras sinalizam que uma das técnicas mais utilizadas na pesquisa etnográfica é a observação, com a imersão do(a) pesquisador(a) nos grupos que serão pesquisados. Neste estudo, como pertencemos ao grupo pesquisado, povo Tenetehara, descreveremos as práticas corporais femininas a partir das minhas memórias.

Abraão (2003) explica que a pesquisa autobiográfica, compreendida também como Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memórias, se utiliza de diversas fontes de informações, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, todos dependentes da memória. A autora trabalha com as memórias individuais, tanto do narrador, como do pesquisador. Essas memórias imbricadas às relações vivenciais - sociais e culturais - informam, significam e ressignificam o fato ou fenômeno que está sendo pesquisado.

O presente artigo está organizado em quatro seções. Na primeira seção “Povo Tenetehara/Guajajara” apresentamos nosso povo, território e costumes. Na segunda seção “O lugar e o status das mulheres na comunidade Tenetehara/Guajajara” descrevemos como as mulheres estão inseridas nas atividades da comunidade. Na terceira seção “Práticas corporais femininas na Festa da Menina Moça” descrevemos o ritual de passagem das meninas para a vida adulta e as práticas corporais inseridas na festa. Por último, nas considerações finais evidenciamos a importância da pesquisa na perspectiva da pesquisadora indígena e a compreensão do corpo e seus movimentos inseridos no contexto cultural.

O POVO TENETEHARA/GUAJAJARA

Somos o povo indígena mais numeroso do Estado do Maranhão, tivemos contato direto com os não indígenas no século XVII, com a chegada dos Portugueses no Brasil. Nós indígenas Guajaras estamos em nossas aldeias, nas cidades, em Universidades, em outros Estados, buscando maneiras de melhorar nossas vidas e manter viva nossa identidade cultural.

Todas as terras habitadas por nós Guajaras estão situadas no centro do Maranhão, nas regiões dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zutiua. São cobertas por florestas altas da Amazônia e por matas de cerrado. Ocupamos 11(onze) Terras Indígenas em oito municípios:

mortes¹⁰. A violência ainda é presente na Terra Indígena (TI) Araribóia, onde invasores não indígenas, constantemente, derrubam as grandes árvores e roubam madeiras dentro dos nossos territórios¹¹.

Os conflitos contra os invasores não indígenas é enfrentada pelos nossos ancestrais a séculos, muitos de nós foram mortos, tentando manter viva nossas práticas culturais, os animais e a natureza. Somos conhecidos como guerreiros e guerreiras Tenetehara, denominação esta que acho muito triste de se pronunciar, pois é realmente uma guerra que existe em nossos territórios, estamos em constante luta para preservar nossos costumes e rituais sagrados em meio a tantas destruições - queimadas, derrubadas das matas, além da discriminação e preconceitos pelos não indígenas.


Contudo, buscamos realizar nossas festas para celebrar e manter viva a nossa identidade cultural. Assim, preservamos e repassamos para as próximas gerações nossos rituais, nossas cantorias, nossas danças, nossa língua e nosso território, reafirmando nossa identidade cultural e o pertencimento a um só povo.

O LUGAR E O STATUS DAS MULHERES NA COMUNIDADE TENETEHARA/GUAJAJARA

Para Eglânia Guajajara (2024), os saberes tradicionais indígenas trazem em si a ancestralidade, as tradições, os valores, as normas de viver em grupo e de responder aos desafios de sobrevivência, garantindo com isso, a construção da identidade individual e grupal no sentido de que cada indígena se perceba como parte construtiva da aldeia.

Cada comunidade Tenetehara tem suas características sociais e espaciais próprias. A aldeia Almesca é margeada por riachos de águas correntes, com pés de buriti na chegada da aldeia. A maioria das casas construídas são de adobe (terra crua com água), madeira e cobertas com telhas e palhas da palmeira Inajá. Há também construções de alvenaria.

Nossa aldeia é formada por uma família extensa, que consiste em um grupo de pessoas unidas por laços de parentesco: mãe, pai, irmãos, avós, primos, tios, cunhados e cunhadas. No ano de 2025, aproximadamente, 20 famílias moram na aldeia Almesca, cada uma em sua

¹⁰ Documentário disponível em:  [Ka'a zar ukyze wà - Os donos da floresta em perigo](#). Acesso em: 07 out. 2025.

¹¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/05/no-maranhao-conflitos-na-terra-da-ministra-sonia-guajajara-mataram-23-indigenas-em-4-anos.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2025.

própria casa. As famílias são heteroparentais (pai, mãe e filhos) e se formam com o casamento a partir da maioridade das meninas aos 12 anos e dos meninos aos 14/15 anos.

A maioridade é marcada por rituais de iniciação à vida adulta, para as meninas temos a Festa da Menina Moça e para os meninos, a Festa dos Rapazes. Sobre esse tema dedicamos a próxima seção deste artigo.

Nossa aldeia tem como líder a cacica Eliene Guajajara, que também é uma mulher sábia da mata (faz remédios medicinais utilizando materiais da mata) que busca sempre a melhoria e paz na comunidade. O Cacique ou Cacica possuem um papel importante dentro e fora da aldeia. Ele ou ela representa o povo em outras comunidades indígenas e não indígenas, faz a organização das festas da aldeia e, junto com os adultos e anciãos (homens e mulheres), tomam decisões sobre as melhorias a serem implementadas na aldeia. A Figura 03 mostra a Cacica Eliene Guajajara fazendo pintura corporal com jenipapo¹² por outra mulher indígena para as atividades do dia a dia.

Figura 03: Cacica Eliene Guajajara sendo pintada com jenipapo por outra mulher Tenetehara na Aldeia Almesca, 2025.



Fonte: arquivo pessoal da autora, outubro de 2025.

Geralmente, o título de Cacique é passado de pai para filho, isto muda quando não há sucessores qualificados. Neste caso, adultos e anciãos, de ambos os sexos, escolhem nova liderança. Este título tem prioridade para o sexo masculino, porém, há mulheres exercendo o papel de Cacica. As Cacicacas são as mulheres com mais experiências dentro da comunidade,

¹² O jenipapo é uma fruta de uma árvore de porte alto, o Jenipapeiro. A árvore produz frutos durante todo o ano, dependendo das regiões. O fruto verde é colhido, descascado, ralado e espremido para retirar a tinta preta. Ela é curtida ao sol para ficar mais preta, sendo utilizada nas pinturas corporais do dia a dia e nos rituais. A tinta, quando guardada, dura em torno de um mês. No corpo, a pintura permanece por uns 10 dias.

com idade acima de 35 anos, com conhecimentos aprofundados dos antepassados e o conhecimento da cultura não indígena.

O livro didático de Almeida e Panet (2010), feito para as escolas indígenas do povo Guajajara, ilustra claramente que as mulheres estão inseridas ativamente dentro de suas comunidades o trabalho feminino nas comunidades indígenas é fundamental na economia da comunidade, a mulher domina as técnicas de artesanato, além de cozinhar, cuidar dos filhos, lavar a roupa, zelar pelo marido e trabalhar na roça, mostrando o protagonismo da mulher na aldeia.

Nós, mulheres, ocupamos todos os espaços dentro das nossas comunidades. A agricultura é bastante viva, pois é a base da alimentação do nosso povo, plantamos milho, feijão, arroz, batata doce, macaxeira, abóbora, açaí, bacaba, jussara, laranja e mandioca para fazermos farinha azeda, beiju e a puba, dentre outros. Outra atividade é a pecuária com a criação de gado, cavalos, jumentos, porcos e galinhas. Tanto as mulheres, como os homens e as crianças vão para a roça.

Fazemos nossos artesanatos, como colares, brincos, *maniá* (redes), colares da semente de tiririca, cestos, *saiotas*, maracás, etc. Utilizamos matérias primas da natureza para criar as peças do nosso artesanato, como palha de coqueiros, sementes, penas de aves e madeiras. As madeiras são utilizadas para fabricar nossas bordunas (tipo cacetes) para nos proteger de animais perigosos, junto com a cujuba (tipo de cabaça) para a confecção de maracás, e na fabricação de arcos e flechas, além de outros instrumentos.

Nossos artesanatos são usados no dia a dia, como as *maniás* para nos deitarmos; cestos para guardamos nossos objetos; e colares, pulseiras e brincos para nos enfeitarmos. Os artesanatos também são vendidos na cidade para os não indígenas a fim de comprarmos mantimentos, roupas e sapatos. Ainda trocamos os artesanatos entre nós mesmos por alimentos ou trabalho na roça.

Os artesanatos são funções mais específicas das mulheres, desde a infância. Mas, os homens também têm um papel importante, pois colaboram na coleta das matérias primas, eles nos acompanham e nos protegem dos bichos da mata. Geralmente, as meninas confeccionam enfeites e os meninos, os instrumentos de caça.

A Figura 04 ilustra a confecção de rede (*Maniá*) por uma mulher Tenetehara, enquanto cuidam das crianças. As redes são usadas para dormir, para o descanso do dia a dia do povo Tenetehara, para as moças no seu resguardo e no dia da Festa da Menina Moça dentro da tocaia das moças.

Figura 04: *Maniá* (rede) sendo confeccionado por uma Tenetehara, Aldeia Almesca, 2025.



Fonte: arquivo pessoal da autora, outubro de 2025.

A Figura 05 ilustra tiara e brincos feitos com penas de pássaros e a semente de tiririca, feitos por uma mulher Tenetehara da Aldeia Juçaral.

Figura 05: Tiara e Brincos do povo Tenetehara, Aldeia Juçaral, 2025.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, outubro de 2025.

Outra função específica das mulheres é o cuidado com a casa (fazer comida, organização do espaço, lavar roupa, ciscar o terreiro, etc.) e o cuidado com os filhos. As crianças, sejam meninas ou meninos, também colaboram com o cuidado da casa. No entanto, há muitos homens que ajudam nos cuidados da casa e com os filhos.

A caça e a construção das casas são funções mais específicas dos homens, desde meninos. No entanto, as mulheres também estão presentes na caça, principalmente, quando

ainda não possuem filhos e contribuem na construção das casas, amassando o barro com os pés, por exemplo.

Desde pequena, a criança Tenetehara é ensinada sobre a cultura e nossos costumes. Gostamos muito de conversar, os mais velhos nos contam as histórias dos rios, das matas e nos fazem ter medo de andarmos sozinhos desprotegidos na mata. A responsabilidade de criar e ensinar a criança na comunidade é, principalmente, das mulheres, porém os homens também ajudam na criação e nos ensinamentos.

Outra prática da mulher Tenetehara é a coleta de materiais da mata, como as cascas de paus, folhas e o fruto das árvores para fazer remédios com a finalidade de curar feridas e doenças. Essas mulheres são chamadas de curandeiras ou mulheres sábias da mata. E os homens são os pajés, eles conversam com os espíritos e rezam para curar as doenças.

A pintura corporal do nosso povo é marcada pelos traços do grafismo sempre alinhados e precisos em formato de triângulos; linhas retas horizontais, verticais e cruzadas; e pontos. Cada pintura recebe um nome, possui significados e são inspiradas na natureza, representando os animais e nossas crenças repassadas pelos ancestrais. A pintura é feita com o sumo do jenipapo, retirada do fruto ainda verde. O jenipapo protege e limpa a nossa pele, sendo sagrado para nosso povo.

Desde bebês, nós pintamos para nos protegermos de doenças. Pintamos o corpo para as atividades do dia a dia na aldeia, mas, principalmente, para os rituais nas festas culturais. As pinturas corporais, nos dias normais da comunidade, podem ser feitas tanto por homens quanto por mulheres. Já na festa da Menina Moça todas as pinturas corporais das moças são feitas por mulheres anciãs.

Nós mulheres participamos ativamente de todas as atividades da comunidade, da criação dos filhos (as), produção de alimentos na roça, construção de casas, confecção de artesanatos e produção de remédios. Nós mulheres somos criadoras e cuidadoras de nossas comunidades.

PRÁTICAS CORPORAIS FEMININAS NA FESTA DA MENINA MOÇA

Para as autoras Melo e Costa (2009), a cultura corporal do movimento é a junção dos conhecimentos e representações de uma sociedade às práticas corporais, transformadas ao longo do tempo, que adotam um caráter tanto utilitário, se relacionando à realidade objetiva com suas exigências de sobrevivência, como adaptação ao meio, produção de bens,

resolução de problemas, sendo conceitualmente mais próximos ao trabalho. As práticas corporais, quando lúdicas, são realizadas por prazer e divertimento, e de certo modo diferenciada do trabalho. Desta forma, pode-se dizer que a cultura corporal do movimento é a compreensão do corpo em movimento de uma determinada sociedade, comunidade ou de uma cultura específica.

No âmbito mundial, a Cultura Corporal de Movimento pode ser entendida como uma parte da cultura humana, definida e sendo definida pela cultura geral em uma relação dialética (Galvão; Rodrigues; Sanches Neto, 2019).

Na cultura Tenetehara usamos nossos corpos para tudo, em especial aos nossos rituais. Nós, como povo, temos nossos costumes e rituais ao longo do nosso ciclo de vida, do nascimento ao envelhecimento e à morte. Segundo o livro “Dinamismo social do povo Tenetehara” (Zannoni, 2021), escrito com a participação de Cíntia Guajajara, as fases e rituais do povo Guajajara se dividem em: a gravidez e parto; nascimento e infância; os ritos de iniciação tanto das mulheres como homens; casamento; velhice e o enterro.

Neste estudo, focaremos na “Festa da Menina Moça” ou "Moqueado". Este ritual é uma das festas mais conhecidas do nosso povo Tenetehara e retrata a passagem de menina moça para mulher adulta, com a chegada de sua primeira menstruação, por volta de 10 a 12 anos de idade.

O ritual da Menina Moça tem duração de até 12 meses, pois envolve a preparação da Menina Moça durante a primeira menstruação; a caça para confecção dos artesanatos e alimentação dos participantes para a festa; e a festa de apresentação das Moças à comunidade. Durante o processo, toda a aldeia se envolve, homens, mulheres, crianças e jovens, além de recebermos visitantes de outras aldeias da TI Araribóia.

A preparação das Meninas Moças durante o resguardo

Antes da grande festa de apresentação das Meninas Moças à comunidade acontece o resguardo da moça durante a primeira menstruação. Cada menina fica na sua casa, isolada dentro do quarto, sem celular, por oito dias, sem tomar banho, com todo o corpo pintado de preto com a tinta do jenipapo e um pouco dos cabelos cortados. Também recebemos um cordão de sementes de tiririca para embolar e desembolar, assim passando o tempo. A higiene íntima é feita apenas no terceiro dia da menstruação.

Não podemos coçar nossa cabeça e nem o corpo com os dedos, para isso utilizamos um palito de madeira, pois se ficarmos coçando com as mãos podemos adquirir caspa na

cabeça e ficar ruim da visão. Não podemos tocar os pés no chão, pois um verme de duas cabeças nos perseguirá, nos fazendo medo e gerando angústia (esse verme se transforma em um rapaz bonito da boca vermelha, que faz de tudo para conquistar a moça, levando ela para a morte).

Dentes de alho são amassados e esfregados em nossos pés para nenhum mal entrar em nosso corpo, o alho evita doenças. Também é queimado algodão com suas sementes para perfumar o quarto, tecidos também são utilizados para fazer fumaça, e desviar o cheiro da moça de todos os males, como os espíritos e os bichos, cobra por exemplo.

Não é permitido nem um tipo de barulho alto durante o resguardo, não há cantorias e há poucas conversas dos familiares com a menina moça, pois a mulher que conversa pouco se torna mais séria e terá os melhores pretendentes para o casamento.

As visitas eram poucas, apenas, minha mãe, avó, irmãs, algumas primas e duas amigas não indígenas. Neste período de resguardo, ouvi muitos conselhos e histórias da minha avó e mãe sobre a vida de mulher adulta. A mulher adulta é aquela que age como tal, é trabalhadeira, conversa pouco e já não brinca igual antes junto com as crianças, ela faz suas atividades junto com outras mulheres adultas e não anda sozinha.

A alimentação durante o resguardo é bastante restrita em relação a alimentos remeros e amargos, sejam carnes e raízes das plantas, conforme ilustra o Quadro 01.

Quadro 01: Dieta alimentar da Menina Moça durante o resguardo.

Alimentos permitidos	Alimentos proibidos	Porque são proibidos
Cutia	Pato	provoca coceira
Tatu	Galinha d'Angola	provoca coceira
Galinha	Porco do mato	usado no Moqueado
Mingau de milho	Veado	usado no Moqueado
Mingau de abóbora	Macaco	usado no Moqueado
Quati	Guariba	usado no Moqueado
Arroz	Porco	incha o corpo
Feijão	Cará	peixe reimoso
Traíra	Piaba do rabo preto	peixe reimoso
Mandi	Piaba “ joana gorda”	peixe reimoso
Cará do rabo preto	Piau	peixe reimoso

Macaxeira	Surubim	peixe reimoso
Batata rainha	Bico de pato	peixe reimoso
Batata amarela	Curimba	peixe reimoso
Batata roxa	Lampreia	peixe que dá lombriga na barriga
Gado	Inhame	dá coceira e corrimento vaginal
	Batata doce	tem muito leite
	Pássaros de todo tipo	usados no Moqueado

Fonte: adaptado pela autora do livro de Claudio Zannoni, 2021.

Durante todos os dias de isolamento da Menina Moça, foguetes são estourados pelo Pai, logo quando amanhece o dia e ao anoitecer, celebrando a nova fase da vida da Menina Moça. Os foguetes também servem como convite para a saída da Moça do isolamento.

No oitavo dia é a tão esperada “saída da Moça”, onde toda a nossa comunidade e as aldeias vizinhas se reúnem para cantar e dançar durante a noite toda.

Nas cantorias a letra diz que é a hora da moça sair do resguardo, e que agora será mostrada para a aldeia a nova mulher. A dança representa a alegria por esta nova fase de vida da moça, as cantorias junto com a dança exalta os animais e os pássaros. Nesta festa da saída, a moça não usa enfeites de penas, apenas a pintura corporal do sumo do jenipapo.

Às 4 horas da madrugada da mesma noite do oitavo dia, as Meninas Moças são banhadas com água e folhas de mandioca pelas mulheres adultas (Mãe, Avó e Tias). Recebemos leves batidas com as folhas da macaxeira para despertarmos.

Em seguida, somos preparadas para uma corrida de uns 50 metros na aldeia. Algumas pessoas (homens e mulheres, crianças, jovens e adultos) correm atrás da moça. Esta corrida simboliza a chegada da mulher adulta na comunidade. Antigamente, nossos antepassados usavam essa corrida para o casamento, o rapaz já iniciado na vida adulta que pegasse primeiro a moça seria o seu marido. Hoje em dia, a corrida serve para a mulher ficar ativa na sua comunidade, sendo uma mulher ágil e sem preguiça.

A corrida é uma prática corporal que deverá ser ensinada nas aulas de Educação Física Escolar na Educação Básica a partir do segundo ano do Ensino Fundamental I. Para a BNCC (2018), a corrida é uma modalidade do atletismo dentro do esporte, sendo um conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar os resultados registrados em segundos, metros ou quilos (patinação de velocidade, todas as provas do atletismo, remo,

ciclismo, levantamento de peso, etc.).

Depois da saída da Moça do isolamento, ela não pode tomar banho nos rios, apenas de caneca, até que o jenipapo tenha saído por completo do seu corpo. Sobre a alimentação, a Moça ainda não pode comer algumas caças da mata como Veado, Cutia, Tatu, Jacu, Porcão, dentre outras. Toda caça que faz parte do Moqueado, conforme o Quadro 01, a moça só pode comer depois que tenha passado sua festa.

Preparativos para a festa da Menina Moça: a caça e o artesanato

Após a saída da Moça do resguardo, mencionada anteriormente, acontece a caçada para a preparação da grande festa de apresentação das meninas à comunidade, entre um a três meses antes. Os caçadores, homens adultos e jovens, vão para a mata em busca de aves e animais para fazer o Moqueado. Os caçadores são os pais das moças, os tios, os irmãos, primos e outros homens de aldeias vizinhas. Os animais mais utilizados no Moqueado são Cutia, Veado, Guariba, Macaco, Catitu e todos os tipos de pássaros, pois suas penas são utilizadas para confeccionar os enfeites das moças.

O Moqueado - desidratação e defumação das carnes dos animais caçados - inicia-se com a retirada do coró (pele) e os órgãos dos animais, depois é construído um giral que ficará com as carnes, sem temperos. Prepara-se um fogo de lenha que gera fumaça para que a carne seja defumada e conservada até o dia da festa, em torno de um a dois meses. Todo esse processo de preparação das carnes é realizado pelos homens e pelas mulheres. As caças moqueadas vão alimentar todos que estiverem presentes no ritual da Moça, conforme ilustra a Figura 06.

Figura 06: Carnes moqueadas sendo consumidas no encerramento da festa.



Fonte: arquivo pessoal, setembro de 2016.

As mulheres fazem o artesanato para serem usados no dia da festa da moça, os

colares feitos de miçangas e os enfeites da cabeça com as penas dos pássaros. As penas mais utilizadas são das aves: Gavião, Arara, Tucano e Xexéu.

Na figura 07, estou usando enfeites e adornos, na imagem da esquerda com a saia e enfeites da cor verde, usados durante o ritual à tarde e à noite. Na imagem do lado direito com a roupa branca e os enfeites amarelo e brancos, usados na manhã do encerramento da festa.

Figura 07: Enfeites e adornos no corpo durante a Festa da Menina Moça.



Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2016.

A festa de apresentação das Meninas Moças

Após a preparação dos artesanatos e da caça, em torno de um (01) a doze (12) meses, acontece a festa de apresentação das Meninas Moças na aldeia. Esse prazo deve-se à espera de outras meninas iniciarem a vida adulta com a primeira menstruação. Minha festa de apresentação ocorreu no ano de 2016 em conjunto com mais três moças da aldeia Almesca.

A festa teve duração de 24 horas, iniciou-se às 6h da manhã e terminou às 6h do outro dia. Das 6h às 18h, eu e as outras Moças ficamos na tocaia, casinha de palha de coqueiro construída para a festa. Neste tempo, fomos preparadas com pinturas corporais pelas mulheres anciãs (com exceção da mãe e tias) e recebemos orientações sobre a vida de mulher adulta: casar, ter filhos, cuidar do esposo, as tarefas na aldeia e como se comportar nos espaços públicos. Nosso corpo é apalpado para confirmar a virgindade e abençoado pelas anciãs para viver com saúde. Em alguns minutos antes das 18h fomos enfeitadas para

a apresentação.

As pinturas corporais das moças na festa são duas específicas: a pintura do corpo todo, dos pés ao pescoço, é feita com a tinta preta do jenipapo; já a pintura no rosto é em formato de linhas ao redor da boca, com pequenos pingos, retratando um novo corpo e a quebra da restrição alimentar.

A figura 08 ilustra a minha pintura corporal e os enfeites que adornavam meu corpo durante a minha festa de apresentação. O enfeite foi feito de penas do Tucano e usado durante o dia.

Figura 08: Corpo da Menina Moça adornado com pintura e enfeites, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2016.

Antes das 18h, por volta das 9h da manhã, as meninas saem da Tocaia para cozinhar as carnes moqueadas, com água e sal, junto com as demais mulheres que cozinham a comida para todos os convidados. Esse momento significa que nós estamos preparadas para assumir as responsabilidades do lar, incluindo a preparação dos alimentos.

A dança e a cantoria tomam conta da festa do anoitecer ao amanhecer. As cantorias são realizadas pelos homens e pelas mulheres, com o uso do Maracá¹³, e exaltam as aves da mata que com suas penas compõem os enfeites das moças. As cantorias começam ainda com as moças na tocaia, como exemplo *Ezur kuzatài, ezur ximuryw zane rekohaw wà. êh ê a êh e a he e êh*. (Sai moça, vamos animar nossa aldeia, sai moça, vamos animar nossa aldeia). Outra é, *Erur wyrahu ne rawer rà, Wyrahu ywyrà rehe har, Erur wyrahu ne rawer rà* (Traz gavião a tua pluma, gavião dos paus, traz gavião a tua pluma).

¹³ O Maracá é um chocalho feito de cabaça ou cujuba, com sementes dentro, enfeitado com penas de aves e grafismos (esquentam a faca e queimam a cabaça) da cultura Tenetehara.

Durante a festa, cada moça tem seu par para a cantoria e a dança, que são os homens anciãos da aldeia, geralmente, nossos tios. No decorrer da festa aconteceram três tipos de danças. A primeira delas ocorreu em formato de grandes fileiras com todos os convidados, homens e mulheres, de crianças a anciãos, onde dançam e cantam com as mãos dadas para celebrar a vida das moças como mulheres adultas. Na segunda dança todos fizeram uma grande roda e dançaram com as moças, lembrando e agradecendo a caçada e os animais utilizados no Moqueado. Na terceira dança, as mulheres mais velhas (mãe, tias, avós) cantam, dançam, pulam e rolam no chão em frente às Meninas Moças para celebrar a chegada da vida adulta. Nesse momento, as meninas já andam descalço, diferente do momento do resguardo.

Os movimentos de dança são diferentes dos homens para os das mulheres. As mulheres fazem movimentos de andar para frente e para trás com leveza, inclinando os calcanhares para cima e para baixo, e com movimentos de giros mais rápidos voltados mais para o chão. Os homens dançam em formato de marcha, batendo forte os pés no chão.

A figura 09 apresenta as Moças, incluindo eu, com seus pares durante a cantoria e a dança no decorrer da festa realizada em 2016. O enfeite da cabeça foi feito de penas e plumagem de pássaros e foi usado à tarde e à noite. A saia foi confeccionada na cor verde para representar a mata.

Figura 09: Dança e Cantoria das Meninas Moças com seus pares, 2016.



Fonte: arquivo pessoal, setembro de 2016.

A Dança é uma prática corporal ensinada no curso de graduação em Educação

Física e prevista como conteúdo curricular nas aulas de Educação Física da Educação Básica. Em todas as épocas e espaços geográficos, a dança desempenhou para os povos uma representação de seus ‘estados de espíritos’, de emoções, de expressão e comunicação de suas características culturais (Gaspari, 2019). Para nós, Guajajaras, a dança é símbolo de resistência, celebração e, em conjunto com nossas cantorias, ecoam a ancestralidade do nosso povo e reafirma nossa identidade.

Por volta das 22h, as Moças descansam e dormem. Mas, os familiares e os convidados ficam a noite toda acordados, cantando e dançando. Ao amanhecer, por volta das 6 horas da manhã, ocorre o encerramento da festa de apresentação com dança, cantoria e comida típica.

Nesse momento, um dos pares das Moças (Tios) esfregam a carne de Jaó (pássaro) nas articulações dos braços e pernas das Moças, assim ela poderá comer de tudo, terminando por fim sua restrição alimentar. Neste momento, nós fomos autorizadas a comer moqueado, incluindo o Jaó.

Na figura 10, eu e demais meninas moças estamos com a roupa branca e os enfeites durante a manhã de encerramento da festa. A roupa branca simboliza a pureza (virgindade) das moças e os enfeites foram feitos de penas de Tucano. Durante a festa não podemos banhar nosso corpo e nem lavar os cabelos, para não retirar a pintura e os enfeites.

Figura 10: Moças durante o encerramento da festa de apresentação, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2016.

Após a dança e cantoria do encerramento, as Moças entregam para todos os convidados o bolinho de carne de Jaó com farinha de mandioca azeda como forma de agradecer a presença de todos na festa. Na figura 11, estou distribuindo os bolinhos para os convidados.

Figura 11: Distribuição de bolinhos de carne de caça para os convidados durante o encerramento da festa.



Fonte: Arquivo pessoal, setembro de 2016.

Ao longo dessa seção mostramos que a Festa da Menina Moça é muito importante para o povo Guajajara, pois fortalece nossa cultura, trazendo com ela saberes ancestrais para continuarmos existindo e mantendo viva a tradição. Nós como um povo que luta para não deixar morrer nossa cultura, mesmo com tantas dificuldades, escassez de caças e pássaros, sempre buscamos continuar fazendo nossos rituais sagrados e nossas festas que nos trazem alegria e celebração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos nesta pesquisa etnográfica e autobiográfica as práticas corporais inseridas na Festa da Menina Moça evidenciando o ritual de passagem das meninas para a vida adulta no contexto cultural do meu povo Tenetehara/Gujajajara.

Desde criança eu gostava dos estudos na escola, desejava continuá-los indo para a Universidade, buscando realizar meus sonhos. Através da minha trajetória educacional pude chegar até aqui e escrever sobre o meu povo, sendo uma pesquisadora, estudante indígena na área da Licenciatura em Educação Física. Utilizar da pesquisa etnográfica e autobiográfica, permitiu falar das minhas memórias e das memórias de outras mulheres da minha vida, da minha mãe, irmãs, tias e avó materna, pois durante a construção deste TCC elas colaboraram com fotos e relatos, nos ajudando a relembrar todos os detalhes dos nossos costumes, em específico da Festa da Menina Moça.

Descrevemos os costumes do meu povo localizado na Aldeia Almesca no Território Indígena(TI) Araribóia no Estado do Maranhão. Demonstramos que as mulheres possuem papel importante na aldeia, somos liderados por uma Cacica e participamos ativamente das atividades da comunidade como a criação dos filhos(as), produção de alimentos na roça, construção de casas, confecção de artesanatos, produção de remédios, cuidados com a casa, além de estudarmos para ajudar nosso povo.

Na cultura Tenetehara temos costumes e rituais ao longo do ciclo de vida, do nascimento ao envelhecimento e à morte, onde o corpo e os movimentos são exaltados com a pintura corporal, enfeites (colares, tiaras, cocares, pulseiras, braceletes), cantorias e danças. Estas práticas corporais foram nos ensinadas pelos nossos antepassados e mesmo que, com as mudanças ao longo do tempo, principalmente pelo contato com o não indígena, estas práticas nunca deixaram de serem feitas por nós Guajajaras.

Na Festa da Menina Moça apresentamos as meninas à comunidade simbolizando a passagem para a vida adulta. Este ritual é um longo processo de organização para a grande Festa. O ritual tem duração de até 12 meses, pois envolve o resguardo da Menina Moça durante a primeira menstruação; a caça para confecção dos artesanatos e alimentação dos participantes na festa; e a festa de apresentação das Moças à comunidade. Durante o processo, toda a aldeia se envolve, homens, mulheres, crianças e jovens, além de recebermos visitantes de outras aldeias da TI Araribóia. O corpo e os movimentos das meninas são exaltados com a pintura corporal, enfeites (colares e tiaras), cantorias, danças e corrida.

Ao longo do TCC demonstramos que o entendimento da cultura corporal do movimento é imprescindível para compreender as expressões corporais, em diferentes espaços e tempos. Este artigo tem relevância científica para outros (as) pesquisadores(as), em especial os estudantes indígenas de todas as etnias, pois se trata de um artigo feito por uma pesquisadora indígena, que fala do seu próprio povo.

A minha trajetória educacional foi marcada por grandes desafios: escassez de escolas na comunidade indígena; escolas multisseriadas; predomínio de professoras(es) não indígenas; escolas distantes de casa; conteúdos não adaptados à cultura indígena, dentre outros. Fui a primeira filha e a primeira mulher da aldeia Almesca a se formar no Ensino Superior. Na UFNT, sou a primeira estudante indígena Guajajara a concluir o curso de Licenciatura em Educação Física. Logo, temos muito a celebrar!

A figura 12, ilustra a minha defesa de TCC, junto com minha mãe, meu tio, prima e a cacica da Aldeia Almesca. Minha orientadora, Prof^ª. Dra. Carliene, e a banca examinadora, composta pela profa. Dra. Milena e profa. Ma. Iara.

Figura 12: Registros da minha apresentação do TCC na UFNT de Tocantinópolis-TO.



Fonte: Arquivo pessoal, dezembro de 2025.

A construção, defesa e aprovação deste artigo durante a graduação em Educação Física permitiu descolonizar a construção do conhecimento nesta área de conhecimento, apresentando nossa cultura corporal do movimento a partir do olhar da pesquisadora indígena, reafirmando nossa identidade e destacando a importância do acesso e permanência do estudante indígena na Educação Superior brasileira.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 26 nov. 2025.

ALMEIDA, Emerson Rubens Mesquita; PANET, Rose-France de Farias (Org.). *Coleção livros didáticos indígenas e indigenistas: Trabalho Feminino*. São Luís: SEDUC-MA, 2010.

BRASIL. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm. Acesso em: 11 junho 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GALVÃO, Zenaide; RODRIGUES, Luiz Henrique; SANCHES NETO, Luiz. Cultura Corporal do Movimento. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019, p. 26-37.

GASPARI, Telma Cristiane. Dança. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019, p. 202-228.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

VIANA GUAJAJARA, Eglânia Mendes. *Cultura indígena: a passagem da menina moça para a idade adulta na aldeia Morro Branco de Grajaú - MA*. 41 f. TCCs de Graduação do Curso de Pedagogia (PARFOR), da Universidade Federal do Maranhão, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/9533>. Acesso em: 10 set. 2025.

ZANNONI, Claudio. *O dinamismo social do povo Tenetehara*. São Luís-MA: CIMI, 2021.